



MARTUSCELLI, Danilo Enrico; GRANATO, Leonardo.

Ler Poulantzas: conceitos elementares de Poder político e classes sociais

Marília: Lutas Anticapital, 2024.

100 p.

O Estado capitalista, as classes, o marxismo estrutural

Uma introdução a *Poder político e classes sociais*

Capitalist State, classes and structural marxism
An introduction to *Political power and social classes*

Gustavo Casasanta Firmino*

► DOI: <https://doi.org/10.14295/principios.2675-6609.2025.173.014>

Algum tempo após o impacto provocado por sua publicação, a obra *Poder político e classes sociais do Estado capitalista*, de autoria do cientista político greco-francês Nicos Poulantzas, posteriormente traduzida, em diversos idiomas, com o título abreviado *Poder político e classes sociais*, pelo qual é mais conhecida, inclusive no Brasil, passaria ao fundo da cena teórica. E o mesmo pode ser dito em relação ao conjunto da produção intelectual do autor. As razões são de ordem teórica e política, simultaneamente, algo comum no âmbito da teoria social, em geral, e da teoria política, em particular. Lançada pouco depois dos eventos de maio de 1968, *Poder político e classes sociais* estreou em uma conjuntura política de ebulação do movimento operário e popular

na França, por um lado, e de prestígio intelectual e acadêmico do marxismo, por outro. No plano internacional, as chamadas lutas de libertação nacional, de caráter anticolonial e anti-imperialista, eram um ponto de destaque. Transcorrida uma década, e em meio a uma conjuntura de esfriamento das lutas populares, muitos se apressaram em proclamar o fim do marxismo enquanto teoria capaz de fornecer uma leitura pertinente da realidade social. Tanto pior no caso do marxismo estrutural, que recebeu o rótulo desqualificante de “estruturalismo”. Nesse particular, a crítica ligeira proveniente do próprio campo teórico marxista também desempenhou seu papel.

As questões acima elencadas podemos agregar outra barreira — secundária, diríamos, mas não pouco relevante — para a recepção de *Poder político e classes sociais*: a complexidade, ou mesmo a “dificuldade” de seu texto. O combate simultâneo ao economicismo e ao historicismo, no interior da tradição marxista, levou Poulantzas a romper com certos esquemas pretensamente “didáticos” ou simplificadores, quando não mistificadores, do tipo “base” × “superestrutura” ou “classe em si” × “classe para si”, e propor uma teoria complexa e original sobre o Estado capitalista. Tal teoria chama atenção pelo grau elevado de abstração e rigor da linguagem, que exigem do leitor ou leitora, é preciso notar, certa dose de perseverança. E aqui podemos prestar um primeiro reconhecimento ao livro de Danilo Enrico Martuscelli e Leonardo Granato, *Ler Poulantzas: conceitos elementares de Poder político e classes sociais*, que busca apresentar, de forma compacta porém sistemática, alguns dos conceitos centrais da “obra magna” de Poulantzas, como bem definem os autores, notadamente os de *Estado capitalista, classes sociais e bloco no poder*, no que é bem-sucedida.

Além de uma análise atenta dos conceitos centrais presentes em *Poder político e classes sociais*, Martuscelli e Granato apresentam uma série de elementos interpretativos, críticas e proposições de retificação àquela obra, particularmente os que têm sido desenvolvidos pela assim chamada “escola poulantziana de Campinas”, um grupo de pesquisadores que trabalham, trabalharam ou foram formados na Universidade Estadual de Campinas — Unicamp. Ainda que assuma um caráter de homenagem à vida e à obra de Nicos Poulantzas, o texto não recai numa abordagem apologética e tampouco toma a forma de um relicário, como por vezes ocorre em publicações do gênero. Contrariamente, apresenta problemas em aberto e põe em evidência o trabalho de um grupo de pesquisa maior que, com base no dispositivo conceitual poulantziano, tem debatido tais questões no curso de pesquisas sobre a política e os conflitos de classe no Brasil recente. Eis outro mérito da obra que, em nosso entendimento, é preciso reconhecer.

Na introdução, após elencarem o objetivo geral do livro — a apresentação dos conceitos elementares de *Poder político e classes sociais* — e delimitarem seu foco primordial — o resgate da caracterização da relação entre Estado e classes sociais nas formações sociais capitalistas, bem como do conjunto articulado de conceitos abrangidos por tal caracterização —, os autores apresentam um breve porém informativo itinerário intelectual e político de Nicos Poulantzas: dos seus primeiros estudos no campo do direito, iniciados em seu país natal, a Grécia, até sua inserção e posterior consolidação no cenário intelectual francês, a partir de 1960; de sua militância no Partido Comunista Grego ao rompimento com essa organização e posterior vinculação ao Partido Comunista Grego do Interior, em razão da crítica à via de construção do “socialismo” à época adotada pela URSS. Atenção especial é conferida ao período entre 1964 e 1967, aproximadamente, entendido como de transição teórica: primeiramente, de ruptura com o existencialismo sartreano; depois, de aproximação e posterior distanciamento em relação ao marxismo italiano de Antonio Gramsci e Galvano Della Volpe; por fim, de assimilação das teses do marxismo estrutural de Louis Althusser.



No dispositivo teórico e conceitual poulantziano, as classes sociais são definidas como o efeito global das estruturas – econômica, jurídico-política e ideológica – no terreno das práticas e relações sociais

O primeiro capítulo aborda o conceito de *Estado capitalista* desenvolvido em *Poder político e classes sociais*, evidenciando sua correlação com um segundo conceito, o de *modo de produção ampliado*, em referência ao modo de produção capitalista. Ao proceder dessa forma, Poulantzas rejeitou a validade da noção de “Estado em geral”, o que lhe permitiu estabelecer, no plano teórico, a correspondência entre diferentes tipos históricos de Estado (escravista, feudal, capitalista etc.) e a reprodução de determinado modo de produção, bem como das relações de produção que lhe são correspondentes. Isso posto, elaborou sua “teoria regional do político” (ou “do Estado”) no modo de produção capitalista, modo que se caracteriza por uma articulação específica das estruturas regionais do político, do ideológico e do econômico, sob dominância, em última instância, da estrutura regional do econômico. Quanto à “articulação” dessas estruturas, esta caberia à estrutura regional do político, isto é, ao Estado capitalista. Se todo e qualquer Estado tem por função assegurar a coesão interna de uma sociedade cindida em classes, o tipo capitalista de Estado o faz de uma maneira própria, compatível com a reprodução do modo de produção capitalista. Isso porque, na perspectiva poulantziana, o Estado capitalista constitui uma “estrutura jurídico-política” de tipo particular, da qual sobressaem dois aspectos distintos: o “direito burguês” (seu aspecto jurídico) e o “burocratismo burguês” (seu aspecto político) — diríamos nós, “direito capitalista” e “burocratismo capitalista”, respectivamente. Enquanto o direito burguês, ao conferir capacidade jurídica a todos os agentes da produção, produz um “efeito de isolamento”, o burocratismo, por sua vez, “reúne” os agentes individualizados pelo direito em um coletivo particular, alternativo às classes sociais: o “povo-nação”. Efeitos distintos — “isolamento” e “unidade” — que, conjugados, produzem uma característica distintiva do tipo capitalista de Estado: a de que a dominação política de classe aparenta estar ausente de suas instituições.

Como se pode antever, o tratamento dado à questão do Estado capitalista trará amplas implicações para a definição das *classes sociais* e da *luta de classes*, tema central do segundo capítulo. Com efeito, a perspectiva de totalidade social complexa, que permitiu a Poulantzas elaborar sua “teoria regional do político”, lhe possibilitou apreender a relevância das determinações políticas e ideológicas para a construção do conceito de classes sociais, em oposição

à abordagem economicista, a qual entende que as classes sociais estão dadas, por completo, no plano econômico. No dispositivo teórico e conceitual poulantziano, as classes sociais são definidas como o efeito global das estruturas — econômica, jurídico-política e ideológica — no terreno das práticas e relações sociais, podendo vir a se expressar, enquanto força política numa dada conjuntura concreta, por meio de “efeitos pertinentes”, com uma “presença política específica”. Um exemplo ao qual podemos aludir é o da luta sindical reivindicativa, por meio da qual a classe operária pode vir a pleitear, no quadro geral das relações capitalistas de produção, melhores condições salariais ou de trabalho. Aqui, é a abordagem historicista, para a qual as classes e as relações de classe pertencem ao reino do contingente ou do aleatório, que se vê confrontada. Todavia, advertem os autores, semelhante leitura do mecanismo de reprodução combinada das estruturas é válida para a análise dos processos de reprodução social, em que a própria existência das classes se vê condicionada e limitada pela estrutura global de um modo de produção. Já a criação de novas estruturas, em oposição às antigas, poderia emergir nos processos de transição social, nos quais as práticas e lutas de classe assumem determinações de novo tipo. Daí a emergência, em tais situações concretas, de uma dialética complexa entre reprodução e ruptura, cujo desfecho é incerto.

O terceiro e último capítulo é centrado no debate sobre o conceito de *bloco no poder*. Também é o capítulo no qual podemos encontrar uma maior quantidade de críticas, acompanhadas de proposições de retificação endereçadas por Martuscelli e Granato a certas formulações presentes em *Poder político e classes sociais*. Para os autores, a concepção de que o poder se encontra concentrado institucionalmente no Estado e socialmente nas classes dominantes teria permitido a Poulantzas desenvolver a tese segundo a qual o Estado capitalista permite a constituição de um bloco no poder, caracterizado como uma “unidade contraditória com dominante”. Ao garantir o interesse político fundamental da burguesia como classe dominante, qual seja, a manutenção da própria dominação burguesa, o Estado capitalista a “unifica” (politicamente), enquanto hierarquiza os interesses das distintas frações de classe que podem vir a emergir no seu seio. Caberá ao conceito de *fração hegemônica* designar essa dominância de fração de classe no interior do bloco no poder. Por sua vez, o conceito de *cena política* teria por objetivo recobrir uma dimensão distinta do fenômeno político, concernente à ação aberta dos partidos no parlamento ou na disputa eleitoral. Outros conceitos são apresentados, fornecendo-nos um quadro completo e complexo das possibilidades de leitura e análise daquilo que se passa, seja no âmbito da *cena política*, seja no interior do *bloco no poder*. São os conceitos de *classe* ou *fração reinante*; *classe* ou *fração detentora do aparelho de Estado*; *classe aliada* e *classe-apoio*.

Na conclusão, os autores passam em revista os principais conceitos trabalhados ao longo do livro, destacando como, na sua avaliação, certas soluções teóricas e metodológicas desenvolvidas por Poulantzas poderiam contribuir para o debate contemporâneo em teoria política. Uma característica distintiva do método de trabalho do cientista político greco-francês é ressaltada: a alta capacidade de diálogo com diferentes áreas do conhecimento e correntes teóricas, uma vez estabelecida a especificidade de sua própria problemática teórica. Esse procedimento ter-lhe-ia permitido retrabalhar conceitos oriundos de correntes teóricas rivais do marxismo, bem como certas “noções práticas” presentes no campo marxista mas carentes de sistematização rigorosa, incorporando-os, criticamente, a uma teoria política original e internamente coerente, na contramão tanto do sectarismo ou dogmatismo como do ecletismo teórico. Por fim, o domínio e o uso rigoroso do dispositivo conceitual poulantziano, capaz de reco-

brir múltiplas camadas do processo político, possibilitariam à esquerda socialista, argumentam Martuscelli e Granato, a formulação de análises de conjuntura de caráter propriamente analítico e científico, contribuindo para a superação de dificuldades de ordem teórica e estratégica.

O livro conta ainda com duas seções especiais. A primeira é uma cronologia da vida e obra de Poulantzas e dos estudos sobre sua teoria. Nela, são indicados diversos estudos publicados sob a forma de livros, dossiês e coletâneas, disponíveis em alemão, inglês, dinamarquês, grego, espanhol, francês e português. Conferiu-se prioridade aos textos de Poulantzas publicados na forma de livro e aos trabalhos coletivos que tomaram como objeto principal de análise a sua obra. A segunda seção indica as traduções disponíveis em língua portuguesa de livros, artigos e entrevistas originalmente publicados por Poulantzas em francês e inglês.

Em *Ler Poulantzas: conceitos elementares de Poder político e classes sociais*, encontramos uma competente síntese teórica dos conceitos centrais presentes em *Poder político e classes sociais* e, simultaneamente, uma leitura crítica e propositiva concernente ao dispositivo teórico-conceitual poulantziano. Pensamos que o livro ganharia se abordasse, de forma mais detida, o conceito de *forma de Estado*, e que os autores poderiam dar uma palavra a respeito do último livro de Poulantzas, *O Estado, o poder, o socialismo* (1978), no qual este defendeu uma estratégia de “via democrática” de transição ao socialismo. Embora os autores delimitem claramente a discussão à obra magna de Poulantzas, publicada dez anos antes, as referências ao conjunto de sua produção intelectual, bem como a defesa de que, em *Poder político e classes sociais*, o autor, apesar de não haver sistematizado uma reflexão acerca da transição socialista, encampou a tese leninista sobre a necessidade da destruição do aparelho de Estado capitalista, justificariam, a nosso ver, tal comentário. Como indicam Martuscelli e Granato, o livro não pretende esgotar a discussão intelectual e política em torno de todos os temas levantados, o que nem seria possível, diga-se, no espaço de uma centena de páginas. Seu propósito é convidar ao debate.

* Doutor em Ciência Política pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Pesquisador vinculado ao grupo de pesquisa Neoliberalismo e Relações de Classe no Brasil (Cemarx/Unicamp) e ao Grupo de Estudos de Política da América Latina (Gepal/UEL).

► Texto recebido em 26 de fevereiro de 2024; aprovado em 24 de maio de 2025.